

Capitalismo dependente, revolução burguesa e socialismo no pensamento de Florestan Fernandes

Guilherme Rocha
Adelar João Pizetta

Como citar: ROCHA, Guilherme; PIZETTA, Adelar João. Capitalismo dependente, revolução burguesa e socialismo no pensamento de Florestan Fernandes. *In* : TOTTI, Marcelo Augusto (org.). **100 anos de Florestan Fernandes** : legado de ciência e militância. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 165-178. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-298-7.p165-178>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CAPITALISMO DEPENDENTE, REVOLUÇÃO BURGUESA E SOCIALISMO NO PENSAMENTO DE FLORESTAN FERNANDES

Guilherme Rocha:

Exatamente no tempo. 27 minutos. Vamos passar agora para o professor, agora de fato, professor Adelar João Pizetta.

Adelar João Pizetta:

Olá, boa noite a todos que nos acompanham remotamente nesse importante ato em homenagem a Florestan Fernandes. Boa noite Marcelo, Marcos, Francisco e ao Guilherme.

Inicialmente, quero agradecer o convite e a oportunidade de participar desse momento de resgate, de recuperação do legado teórico e político do nosso grande mestre Florestan Fernandes. Marcelo, parabênizo pela organização e realização desse encontro de celebração do centenário de nascimento do Patrono da Sociologia brasileira. Sei das dificuldades que a própria pandemia impôs, mas me parece que é muito justa e necessária essa homenagem, estudando, discutindo e nos apropriando da arma teórica para potencializar as “batalhas” em nossos espaços de atuação política

profissional, nessa “guerra cultural” que estamos enfrentando e cada vez se torna mais difícil. Parabéns pelo evento e obrigado pelo convite.

Como já estamos conversando, a minha leitura de Florestan é de certa maneira recente e ela se deve a uma função que eu ocupei no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), quando da criação e da edificação da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), em Guararema no estado de São Paulo, a partir do ano 2000. Tive a oportunidade de acompanhar o processo de construção da estrutura física, mas também de coordenar a parte mais pedagógica e da formação política no movimento. Então é a partir desse contexto que começo a estudar, ler sobre o Florestan e os primeiros contatos com a sua obra. Portanto, minha leitura do Florestan não se dá no âmbito da universidade, mas sim, na dinâmica de formação, organização e lutas dos Movimentos Populares, em particular do MST. Neste sentido, o estudo que eu tenho feito é basicamente, a partir da função que a gente ocupa nessa luta, com o intuito de potencializar os processos no âmbito da formação da consciência crítica, na formação da consciência de classe, da organização autônoma dos trabalhadores, e contribuir com as transformações que possam significar mudanças revolucionárias. Procuramos nos apropriar de elementos dessa monumental obra do Florestan refletindo de que maneira e em que sentido ela nos potencializa do ponto de vista da interpretação e transformação da realidade.

Penso que essa é uma dimensão importante, um tanto particular dessa leitura que deixa lacunas e limites na sua assimilação e que vai se aprofundando conforme avançam os processos formativos, organizativos e de lutas, assim, é um estudo em processo. A minha participação aqui tem o sentido de trazer alguns elementos, não com a profundidade que merecem, dada a complexidade das temáticas, mas que possibilitam certas reflexões a partir daquilo que nós temos feito nesses últimos anos. São basicamente quatro ou cinco grandes ideais que recuperam dimensões dessa temática que está posta a partir daquilo que vamos compreendendo na dinâmica da luta popular e da luta social, isto é, no âmbito das lutas de classes.

Primeiro na nossa compreensão, é fundamental, é extremamente importante compreendermos o sentido da formação da sociedade brasileira e da sua dinâmica de funcionamento. Trata-se de compreender

a essência da nossa sociedade buscando as inter-relações, os nexos e laços construídos historicamente numa relação sempre direta com os dinamismos econômicos e políticos mundial. Isto porque para entender o processo de desenvolvimento capitalista no Brasil Florestan parte da análise de como se dá a inserção desse desdobramento na dinâmica do desenvolvimento do capitalismo em nível internacional ou mundial. Desde os primórdios esta é uma inserção subordinada aos interesses econômicos, políticos e culturais do colonialismo e do imperialismo, como o professor vinha demonstrando. Segundo Florestan, essa subordinação não é um mero fruto de uma imposição de fora, o que ela também é, mas é articulada aos próprios interesses da burguesia brasileira que reproduz internamente as relações de exploração econômica, de dominação política e ideológica, atendendo aos interesses externos e sendo contemplada, subordinadamente, também.

Segundo Florestan (2009, p. 64),

As estruturas do capitalismo dependente estão preparadas para organizar a partir de dentro as ‘condições ótimas’ da sobreapropriação repartida do excedente econômico e para renovar continuamente as condições de reincorporação ao espaço econômico, sociocultural e político das sociedades hegemônicas preponderantes.

É assim que dependência e subdesenvolvimento é um bom negócio para os dois lados. Então essa tese é extremamente importante porque explicita que essa inserção se deu e se mantém historicamente de forma dependente e subordinada, instituindo um “Padrão de acumulação de capital, inerente à associação dependente, que promove ao mesmo tempo intensificação da dependência e a redefinição constante das manifestações do subdesenvolvimento” (FERNANDES, 2009, p. 62). Dessa maneira a burguesia brasileira já nasce umbilicalmente ligada a burguesia Internacional e imperialista o que remete a uma análise de classes não dogmática, pois é praticamente impossível se falar de uma burguesia nacional clássica aqui.

Mais ainda, esse fenômeno vai forjar uma burguesia antinacional, antidemocrática e antissocial, que a caracterizam por sua intolerância e “medo pânico” contra o povo que busca lutar para romper com essa dinâmica burguesa. Então compreender o caráter dessa burguesia só

é possível se compreendermos como isso se processou na história. Uma burguesia submissa aos interesses de fora, muito obediente aos interesses colonialistas e imperialistas, mas muito autoritária, truculenta, repressiva, onipotente com os de baixo, com os trabalhadores aqui dentro. É uma burguesia portanto que vai ter muitos limites, ela não inova, ela não cria, praticamente mimetiza e adapta desde fora. Os próprios impulsos de desenvolvimento econômico da sociedade brasileira eles são, vamos dizer assim, patrocinados, são intencionadas dentre os impulsos do capitalismo externo. Isso se dá em todas as esferas da sociedade, no âmbito econômico, político, cultural, educacional e perpassa todo o tecido social. Assim, essa burguesia reproduz internamente relações de dominação econômica, política, cultural e ideológica, como algo ligado, vinculado aos interesses de fora desde a sua fundação colonial. O Florestan (1991, p. 4) vai dizer que: “O Brasil não é somente um país de origem coloniais: nele o colonialismo não foi destruído até o fim e até o fundo.”. Então me parece que essa é uma dimensão de análise importante que articula de forma dialética o geral e o particular.

Segundo, é que essa lógica, essa forma particular de desenvolvimento, muito bem caracterizada pelo professor que me antecedeu, não é capaz de gerar aqui o surgimento de um dinamismo de classes ou da formação de classes a estilo do desenvolvimento do capitalismo fruto das revoluções burguesas, que ocorreram na Europa, por exemplo. Vejam, não é que aqui não existam classes. Não é essa a questão do Florestan. A ideia é analisar e compreender as classes não a partir de esquemas e análises estabelecidas à priori. Mas, sim, observando o processo da sua constituição enquanto classe e, nesse caso, constata-se que essas classes possuem certas deformações, tanto a burguesia como também a classe proletária, a classe trabalhadora. Em grande medida em decorrência desse dinamismo, dessa forma específica de desenvolvimento capitalista e sua inserção na dinâmica internacional, condicionando ainda a um quase “não movimento” das próprias classes, porque essa também, como o professor dizia, se dá dentro de um “circuito fechado”. Então esse dinamismo e dada a característica autoritária da classe dominante, as lutas e iniciativas políticas da classe trabalhadora quase sempre foram impedidas de acontecer e isso é próprio, é típico

desse capitalismo que nós estamos caracterizando aqui e para Florestan é o capitalismo dependente. É nessa dupla articulação dos dinamismos externos e internos, que essa forma específica desenvolvimento do capitalismo produziu aqui uma burguesia resultante de uma metamorfose, isto é, ela não ela não surge enquanto classe a partir de uma luta, de um confronto com a antiga ordem vigente, ela apenas se modifica. Ou seja, o próprio grande fazendeiro/latifundiário vai ser o capitalista agrário, o grande comerciante e o pequeno industrial atingindo todas as esferas da economia, da política e da cultura. E é por isso que o professor dizia que se mantém a dinâmica do arcaico modernizado, no qual o arcaico se torna moderno em novas bases e dimensões.

Dessa maneira, essa burguesia brasileira se torna incapaz de levar adiante tarefas democráticas, como por exemplo, a reforma agrária que é o nosso campo de atuação e caracteriza inclusive o Brasil como um dos únicos países do mundo que nunca mexeu na estrutura fundiária, nunca distribuiu terra. Além da reforma agrária, outras reformas que o próprio desenvolvimento do capitalismo industrial em outros países levou adiante e é por isso que o Florestan vai dizer que a burguesia aqui ela apenas se modificou - combinando essas dimensões arcaicas com esse moderno em novas bases – e, portanto, ela não pode, nem podia levar adiante essas tarefas vamos dizer assim seriam típicas da revolução burguesa, pois seria, ou exigiria a sua própria transformação, ou ainda, significaria o seu próprio suicídio enquanto características de sua classe. Conseqüentemente a classe e operária, a classe trabalhadora em geral também possui certas deformações na sua formação. Um aspecto, já evidenciado anteriormente, refere-se a um certo grau de dificuldade, algumas debilidades em relação à construção de instrumentos organizativos e de lutas que pudessem forjá-la e constituí-la enquanto classe ativa e autônoma, independente política e ideologicamente. Por outro lado, ela é também nova, com pouco tempo de experiência, de certa maneira, a classe operária no Brasil é do século 20. Então possui ainda um nível teórico insuficiente para as demandas da revolução. Aqui, uma advertência se faz necessário: na formação da sociedade brasileira, todas as vezes que os de baixo tentaram entrar na dinâmica da história através de suas lutas, de suas organizações, essas iniciativas foram, segundo

Florestan, “solapadas”, isto é, reprimidas, destruídas, impossibilitadas de prosperarem. Então essa é uma característica muito importante para nós compreender porque sempre que houve uma tentativa, uma iniciativa, do ponto de vista da classe trabalhadora e dos subalternos, dos explorados – dada às características dessa burguesia - essas experiências foram destruídas, controladas dentro de um “circuito fechado”, não abrindo espaços para seguir adiante na sua organização e de lutas concretas que fortaleceriam a sua identidade, consciência e construção do “sujeito político coletivo”.

Diante disso, aparece então uma questão muito importante para o Florestan e para nós também que a problemática da Revolução. Florestan dizia que a revolução não é um simples slogan, não é uma palavra de ordem. A revolução é um processo histórico, longo, de ruptura profunda e a fundo com as amarras do passado e do presente numa perspectiva de construção de algo novo. Compreende-se que essa construção necessariamente requer, a duras penas, a superação da condição anterior, exige o rompimento com essa cultura colonial e neocolonial. Essa é uma decisão política importante que requer colocar como estratégia política a revolução, pois, mudanças profundas e a fundo na sociedade brasileira somente serão realidade por intermédio da revolução. Mas aí aparecem novas questões: como desencadear um processo de ruptura e revolucionário, na sua essência, com essa forma de organização social que nós temos e essas características da luta de classes? Então a grande questão de como levar adiante esse processo uma vez que, pra Florestan, a revolução burguesa no Brasil é o que foi possível a burguesia fazer até 1964. Se houve alguma possibilidade de avanço nessas questões democráticas, etc., elas se esgotam em 1964 com o golpe cívico-militar, chamado de “contrarrevolução” por Florestan. Esses acontecimentos elucidam uma série de questões postas para o sentido da revolução brasileira, pois, esgota as possibilidades de uma revolução burguesa, tudo aquilo que não foi feito do ponto de vista das reformas de ampliação democrática, participação nas conquistas de direitos só será possível por intermédio da pressão, da luta e da organização dos próprios trabalhadores.

Ou seja, está posto agora para os trabalhadores a necessidade de desencadear também esses processos da revolução dentro da ordem, mas

numa dialética articulando a revolução contra a ordem. Essa dialética da revolução dentre e contra ordem é muito importante para que a gente possa levar adiante processos de ruptura, pois, do contrário, corre-se o risco de cair no reformismo que não está muito distante, muito longe do que também nós viemos observando nos últimos anos. Então, como fazer, como levar adiante esse processo de mudança nas condições do Brasil? Porque é aqui nessa objetividade, nessa realidade construída historicamente, não estamos falando em revolução em luta de classes, em formação das classes, em formação da consciência de classe em *abstrato*. O que nós temos entendido nessa perspectiva, é que sem o envolvimento, sem a incorporação, sem organizar os debaixo os trabalhadores explorados sem fazer formação desse sujeito coletivo e articular isso tudo em torno de um projeto político estratégico socialista, se torna muito difícil projetar essas mudanças essas transformações na realidade.

Compreendemos, como fundamental, que a força da transformação social está na organização, no nível e caráter da formação política e ideológica, na consolidação dessa força em luta dos explorados os sem classes, dos de baixo. Esse processo, nos faz pensar em uma categoria do Florestan muito pouco conhecida, que é essa ideia da formação de um “Movimento Socialista”. Para ele o movimento socialista é uma confluência de muitas forças, de todas as forças sociais e políticas que se voltam, de alguma forma, contra a ordem existente ou para introduzir reformas da ordem que possam alimentar uma revolução contra ordem e organizar a sociedade e a economia, o sistema de poder em outras bases (FLORESTAN,1980). Essa mobilização, articulação real das pessoas em lutas passa a ser importante na construção do um movimento socialista, pois, esse consenso, essa consciência coletiva das possibilidades das mudanças e de que é possível construir uma ruptura em torno de um projeto popular, um projeto socialista para o país.

E por último, na nossa compreensão, essa perspectiva da revolução brasileira aponta na análise e práxis do Florestan o socialismo como horizonte. Florestan nunca titubeou, nunca ficou um dúvidas acerca dessa perspectiva revolucionária e socialista da emancipação dos trabalhadores no Brasil, pois, sem uma revolução socialista não há emancipação. Como

eu já adverti, essa, revolução não é um momento, mas sim, um processo de ruptura radical com uma ordem do capital e a construção de uma nova racionalidade, e uma nova sociedade alicerçada nos princípios e valores humanistas e socialistas. Aqui é importante pois, o Florestan apresenta essa saída socialista não por sua vontade simplesmente, mas é alicerçada na sua análise da sociedade e da luta de classes no Brasil. Ou seja, como um bom marxista criativo e não dogmático, conhecedor profundamente da teoria social de Marx e demais teóricos, inclusive brasileiros, constroem bases muito sólidas dessa perspectiva revolucionária socialista. Tem uma passagem que eu acho muito importante em que o Florestan (1989, p. 170) afirma: “Eu não sou só um marxista, eu sou marxista que acha que a solução para os problemas dos países capitalistas está na revolução.”. Aqui deixa muito explícito essa perspectiva e ele continua dizendo: “isso não é uma fanfarrice, é assumir de forma explícita o dever político mínimo que pesa sobre alguém que é militante embora não esteja em um partido comunista e que afinal de contas tentou durante toda a vida manter uma coerência que liga a responsabilidade intelectual, a condição de socialista militante e revolucionário” (FLORESTAN, 1989, p. 170). Em outra passagem afirma que a Revolução não é uma revolução anticapitalista e antiburguesa, é uma revolução socialista! Me parece que a perspectiva é muito clara: ou há uma ruptura, uma revolução e uma emancipação dos trabalhadores ou não há.

Termino com o propósito de que a obra do Florestan continue a atormentar as classes dominantes e também aos pós-modernos porque ela está sendo incorporada às nossas organizações e às nossas lutas e porque é assim que ela se mantém viva e desafiadora. É na academia, mas, é fundamentalmente na dinâmica da organização, da formação e luta popular, que o legado do Florestan mantém sua vitalidade, sua força. Por isso, estudamos o Florestan para sermos mais fortes na luta de classes, para estarmos mais e melhor preparados do ponto de vista teórico, buscamos nos apropriar do vigor das ideias e das suas práticas políticas e teóricas materializando-as em nossos estudos, em nossas organizações autônomas, como ele defendia e nas lutas concretas pela emancipação humana.

Por último uma linda passagem do mestre Florestan (2000, p. 140) que nos toca a todo momento: “Quanto ao sonho o que se deve dizer é que sem sonhos políticos realistas não existem nem pensamento revolucionário nem ação revolucionária. Os que não sonham estão engajados na defesa passiva da ordem capitalista ou na contrarrevolução prolongada”, contrarrevolução todos nós sabemos que é repressão, circuito fechado, autocracia. Então precisamos continuar sonhando e lutando para que a revolução e o socialismo se tornem realidade histórica conquistadas a duras penas, como bem nos alertou Florestan. Se não estivermos no dia da vitória, ao menos tenhamos feito a nossa parte.

Bom, essas são algumas reflexões de certa maneira um tanto pulverizadas, mas que nos permitem fazer com que nós tenhamos uma posição mais ofensiva, mais radical e mais coerente na luta de classes como o pensamento de Florestan. Obrigado pela atenção de todos e mais uma vez um agradecimento ao Marcelo e toda a sua equipe pela bela homenagem e oportunidade.

GUILHERME ROCHA: Obrigado professor Adelar, pela apresentação que foi bem interessante e que colocou várias questões pertinentes para a gente pensar na nossa atualidade. Agora vamos passar a palavra para o professor Marcos Tadeu Del Roio.

AS PERGUNTAS

GUILHERME ROCHA: À você, Del Roio, muito obrigado pela apresentação. Porque realmente, né, com um colega disse no chat, você é uma enciclopédia em alguns aspectos. Professor, por falar nisso, vamos enviar uma pergunta para você para começar aqui. Inclusive, quem tiver mais perguntas pode mandar no chat, tá? Vamos começar com uma pergunta ao professor Del Roio, do Aldair. “Professor, poderíamos pensar de acordo com essa particularidade da “burguesia brasileira” de que ela já nasce decadente,

quando comparamos aos países capitalistas centrais?” Então essa é a pergunta do Adair. Se o senhor quiser responder agora, fique à vontade.

MARCELO TOTTI: Acho que a mesa pode responder essa pergunta, né, os três.

MARCOS DEL ROIO: Eu estou só um pouco cansado.

MARCELO TOTTI: Quem se habilita primeiro?

ADELAR JOÃO PIZETTA: É, bem rapidamente, porque os professores já explicitaram essa visão que eu também comparto. Penso que a burguesia não nasce decadente, ela nasce subordinada. No fundo a burguesia brasileira é filha do latifúndio, como já foi dito aqui, e ela é também filha do capitalismo mercantil do período português e inglês, então é nesse contexto que ela vai “aparecer” e como Florestan diz, na verdade havia um espírito burguês, um pensamento e certas formas de vida burguesas, mas sem existir enquanto uma classe burguesa típica. Então acho que essa origem se torna importante, como nós já colocamos antes, que a caracteriza com ao menos três posturas que se unificam na sua práxis: Primeiro, dela ser antinacional. Ela não pensou e não pensa um projeto de nação, vamos dizer assim, um projeto de desenvolvimento autônomo do país. Segundo, uma burguesia antissocial e antidemocrática, ela tem um “medo pânico” dos de baixo, pois quando estes pensam em se organizar, a se mobilizar, a se levantar contra a ordem, ela se antecipa, não permite o desenvolvimento desses processos e corta ainda no seu nascedouro. Por isso, precisamos ser inteligentes, resistentes e intransigentes não se deixando esmagar por essa burguesia intolerante, que não admite qualquer nova forma, novos pensamentos nessa direção. Mas por outro lado também observamos que na história a intransigência dos de baixo que nunca se deram por derrotados.

É assim que nós hoje estamos aí, nós somos herdeiros, vamos dizer assim, desse povo brasileiro que ricamente resistiu e lutou heroicamente em todos os períodos da nossa história. Então a burguesia dependente submissa, não é uma burguesia débil ou fraca, como alguém também diz. Porque ela é profundamente interligada ao imperialismo, então isso também é importante, a nossa luta hoje contra a burguesia Brasileira é uma luta contra o imperialismo. No campo, na questão da reforma agrária, da luta pela terra não é diferente. A luta pela terra hoje é uma luta anti-imperialista nesse sentido, porque as grandes corporações transnacionais é que vão se defrontando com os camponeses em seus territórios. Então essa burguesia é conservadora no verdadeiro sentido de conservar isso que foi a sua origem no nascedouro e, portanto, não eleva o país a uma nação e permanece mantendo a mesma lógica de inserção e subordinação. Em grande medida ela se mantém por causa desse circuito fechado no qual ela organizou a sua forma e o exercício de poder, a questão é como romper com esse circuito fechado?

GUILHERME ROCHA: Começamos então pela pergunta do Conrado, né? Ele faz uma pergunta, uma discussão, uma questão ontem muito discutida foi a respeito do sentido da revolução brasileira e suas variações ao longo da passagem do tempo. Gostaria de ouvir os professores a respeito do modo como enxergam o destino dessa revolução inconclusa e seu papel para a superação do desenvolvimento dependente. E aí continua, teríamos, então, também uma burguesia subdesenvolvida? É a pergunta do Conrado. Depois tem uma pergunta muito interessante do Professor Fábio Ocada: pergunto aos colegas se poderiam dizer algo a respeito do papel da política de branqueamento como ingrediente do projeto de modernização da burguesia nacional. É uma segunda pergunta. Nós temos a pergunta do Amaury que faz a seguinte pergunta: se nossa burguesia é uma sub-burguesia, espécie de sabujo da elite internacional, ela não consegue ver que poderia ser maior, melhor, se fosse nacionalista, desenvolvimentista? Então basicamente são essas três perguntas, né? Agora gostaria que os professores se organizassem. Dê preferência o professor Adelar que não

falou na última rodada, né? Começar respondendo uma dessas questões para abrir novamente o debate.

ADELAR JOÃO PIZETTA: Penso que os professores tem mais elementos e podem contribuir com essas reflexões acerca das questões. Muito rapidamente eu acho sim que essa questão da revolução e da revolução da burguesia, são duas temáticas que no curto espaço de tempo se torna difícil dar conta de tudo, né? E quando falamos em burguesia dá ideia que ela é monolítica, que ela é única, e todos sabem que existem frações, segmentos e disputas internas na própria burguesia, na própria classe, mas como nós vínhamos colocando, ela jamais deixa filtrar para baixo as cisões que por ventura possam aparecer entre os seus interesses. Isso também o Florestan explica. Então diante de uma situação em que essa burguesia é colocada meio contra a parede, ela se unifica para reprimir, para destituir as forças de baixo e se manter no topo. Então, mesmo hoje no Brasil existem disputas que se manifestam em diferentes momentos e esferas, né? As próprias eleições desse final de semana, se nós olharmos assim em muitos lugares há manifestação desses interesses e dessas frações dessa burguesia. Tem uma parte mais autoritária, mais repressiva, etc. e uma outra parte mais ligada à própria indústria, ao setor produtivo. Do ponto de vista da revolução, bom, nós argumentamos, eu argumentei essa questão da revolução socialista, né? É, mas eu disse também que isso é pensado nas condições reais objetivas e subjetivas do nosso país, então estamos também abstratamente discutindo os sujeitos da revolução, quem pode levar adiante esse processo, haja vista que, como nesta análise eu compreendo que a burguesia não vai fazer nenhum tipo de transformação, de mudança que enfrente os problemas, ou que resolvam os problemas do povo. É claro que os problemas do povo só são, só vão ser resolvidos pelo próprio povo, não há outra possibilidade.

Eu penso que é uma ilusão você acreditar que os problemas sociais, educacionais, de habitação, de moradia, de salário, de trabalho, de renda, etc, a burguesia vai resolver, não! Então isso está colocado para a classe trabalhadora levar adiante e buscar construir alternativas. É isso que eu

estava querendo dizer antes: não há uma revolução burguesa no Brasil, o que houve é uma contrarrevolução preventiva e prolongada que a partir de 1964 se mantém. Eu acho que isso nos coloca grandes desafios, grandes tarefas, do ponto de vista da organização da formação e das lutas de massas que precisam ser articuladas no seio da sociedade. Eu entendi um pouco assim do Florestan, não é que é uma revolução etapista, mas, com essa ideia de que quem tem que fazer a revolução é os explorados, os trabalhadores, então é necessário que haja de certa maneira uma revolução democrática, que a incorpore as ações desses sujeitos em algum espaço de articulação política, que estão dispersos e todo mundo sabe disso. Nós precisamos articular força, construir força social e força social então, é gente organizada com nível de consciência elevado e instrumentos autônomos e potentes de luta. Me parece que essa é uma questão importante, em que a revolução democrática possa colocar o povo como sujeito e em condições de fazer história. Segundo é que, para resolver os problemas do povo brasileiro, essa revolução também tem um caráter nacional que requer o rompimento completo e a fundo com o imperialismo, é romper com aquela dupla articulação. Então ela tem também um sentido nacional e na minha compreensão da análise do Florestan, isso só é possível com uma revolução socialista, senão não teremos nem a Revolução democrática nem a Nacional. Me parece que esse é um debate importante. Como já se colocava antes, é claro que antes de 64 havia uma ideia de uma revolução Brasileira a partir de uma análise, e que não é que a análise era mal feita, é que os óculos que se olhava para fazer a análise acabaram meio que direcionando para isso. E era a possibilidade de a classe operária emergente se constituindo, fazer aliança com a burguesia, entre aspas aqui, nacional, para levar adiante uma revolução anti-imperialista e anti-feudal, para que num segundo momento se fizesse então a revolução socialista. E isso com o golpe de 1964, com a contrarrevolução de 64 também desvelou, ficou evidente e explícito que esse setor da burguesia não existe no Brasil, não existe uma burguesia nacional. Por isso não é uma sub burguesia, não é uma burguesia débil ou fraca, mas é essa burguesia que se forma intrínseca e umbilicalmente ligada ao imperialismo e, romper com isso é também um novo e grande desafio. Eu fico por aqui, obrigado.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Florestan. *O desafio educacional*. São Paulo: Cortez-Autores Associados, 1989.

FERNANDES, Florestan. *O PT em Movimento: contribuição ao I Congresso do Partido dos Trabalhadores*. São Paulo, 1991.

FERNANDES, Florestan. *Clássicos sobre a revolução brasileira*. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. 4. ed. rev. São Paulo: Global, 2009.